

**Tópicos de inovação
em Bibliotecas e
Sistemas de Informação:**
tendências, inquietações e possibilidades

INNOVABIBLI 



**TÓPICOS DE INOVAÇÃO
EM BIBLIOTECAS E SISTEMAS DE
INFORMAÇÃO:
TENDÊNCIAS, INQUIETAÇÕES E POSSIBILIDADES**

Organização

Joana D'Arc Páscoa Bezerra Fernandes

Francisco Edvander Pires Santos



CAPÍTULO 2

CRIATIVIDADE: DESCONSTRUINDO (PRE)CONCEITOS E LIBERTANDO A SUA FORÇA INTERIOR

Joana D'Arc Páscoa Bezerra Fernandes

MAS EU NÃO SOU CRIATIVO!

“Todas as crianças nascem artistas, o difícil é continuar artista enquanto se cresce” (Pablo Picasso)

Mas eu não sou criativa(o)! Faz você que é mais criativa(o)! Admiro muito quem sabe fazer isso, eu tenho zero criatividade! Isso não é para mim! Nasci com as duas mãos esquerdas!

Quem nunca ouviu ou falou alguma dessas frases ou outras do gênero, não é mesmo? Mas você sabia que você e a maioria das pessoas só falam e acreditam nessas frases por que foram “programados” para isso? Você sabia que você é um ser criativo e que já nasceu assim?

Se você concorda com alguma (ou todas) dessas frases, esse capítulo é para você! Se não concorda, o capítulo também é para você!

Está pronta/pronto para desconstruir, ressignificar, construir e reconstruir?

Pois então ‘borah!’

O conceito de criatividade

“Criatividade é a inteligência se divertindo” (Albert Einstein)

O negacionismo criativo, ilustrado pelas primeiras frases desse capítulo, sempre precedido por uma overdose não: “não sou...”, “não sei...”, “não posso...”, “não consigo...” bem como a baixa autoestima criativa tem origem, primeiro na falta de entendimento sobre o que é criatividade, segundo na falta de autoconhecimento e terceiro nas podas que sofremos na infância. Por essa razão antes de começar a discutir sobre os conceitos presentes na literatura sobre criatividade vamos começar falando sobre o que ela não é:

Criatividade não é dom;

Não é um privilégio de um seleto grupo pessoas;

Não tem a ver somente com artistas, arquitetos e designers;

Não é apenas uma questão de estética visual;

Não é algo que não se possa (re)aprender, treinar e desenvolver.

Mas afinal de contas o que é criatividade então?

“Criar é matar a morte” (Romain Rolland²¹)

Em uma definição bem simples Criatividade é a “capacidade de criar algo”. E o que é criar? Segundo o dicionário Michaelis online criar consiste em: “Dar existência a; tirar do nada; formar, originar” (MICHAELIS, 2020). Já o Dicio online nos diz que criar é: “fazer com que alguma coisa seja construída a partir do nada” (DICIO, 2020). Se você é ou já teve contato com a cultura judaico-cristã, já deve ter ouvido falar que Deus criou o universo (céus e terra) a partir do nada (Gênesis 1).

Eu não sei quanto a você, mas exceto Deus, eu não conheço nem nunca ouvi falar em alguém que seja capaz de criar algo do nada. Aliás eu nem consigo compreender como isso é possível para um mortal comum. Normalmente precisamos de 4 elementos básicos para criar: repertório prévio, um problema a ser solucionado, inspiração e insumos.

A discussão sobre o que é e de onde vêm a criatividade na literatura científica é extensa e por vezes controversa. Pesquisadores da educação, das artes, da psicologia e demais ciências da cognição têm se debruçado há décadas sobre esse tema. Contudo, não é o nosso objetivo aqui debater a luz da ciência. Por essa razão, dentre os muitos conceitos presentes na literatura, elenquei alguns que acho particularmente condizentes com a nossa proposta de tratar o tema com mais leveza e objetividade, como algo mais próximo de nós e do nosso cotidiano, como de fato é. Os autores aqui citados concebem e conceituam a criatividade como:

a) Processo ou arranjo de processos embricados

“Criatividade é o nome dado a um grupo de processos que procura variações em um espaço de conceitos de forma a obter novas e inéditas formas de agrupamento, em geral selecionadas por valor (ou seja, possuem valor superior às estruturas já disponíveis, quando consideradas separadamente). Podem também ter valor similar às coisas que já se dispunha antes, mas representam áreas inexploradas do espaço conceitual (nunca usadas antes)”. (NAVEGA, 2000, p. 2)

O mesmo autor, em seu artigo intitulado: “De onde vem a Criatividade?” propõe ainda, para uma maior compreensão, a

observação do conceito de criatividade sob os pontos de vista humano, cognitivo, neuro científico e computacional.

b) Ferramenta natural (biológica) para resolver problemas

“A criatividade é a imaginação aplicada para resolver problemas” (Murilo Gun, informação verbal²²)

A imaginação é uma capacidade inata de criar imagens a partir de ideias. É a capacidade que temos de ilustrar os pensamentos e pré-visualizar coisas que não existem ou não foram vistas, inventadas, ressignificadas ou combinadas no mundo real. Murilo Gun acredita que a criatividade seja um tipo de imaginação aplicada com um propósito específico.

c) Empatia

"Criatividade é o processo de tornar-se sensível (empatia) a problemas, deficiências, lacunas no conhecimento e desarmonia. Identificar a dificuldade (Definição), buscar soluções, formulando hipóteses a respeito das deficiências (Ideação). Testar e retestar estas hipóteses (prototipação); e, finalmente, comunicar os resultados (implantação)". (TORRANCE²³ E TORRANCE, 1974, p.2)

Essa é a definição se inicia pela ação de tonar-se sensível, ou seja, de sentir empatia diante de um problema, e prossegue apresentando etapas semelhantes às do *design thinking*, importante ferramenta utilizada na resolução de problemas. Também se assemelha em alguns aspectos ao método científico.

d) Ativo para geração de valor

“A criatividade pode ser o principal ativo para geração de valor e renda, especialmente para pequenos empreendedores²⁴”. (SANTOS, 2020)

Ok! Aqui não é exatamente uma definição do que é, mas do produto (valor) que ela tem o potencial de gerar. A esse respeito eu recomendo que você leia sobre economia criativa.

e) Paixão

“[...] o processo de gerar ideias originais que agregam valor. O primeiro passo para desenvolvê-la é descobrir o que verdadeiramente nos apaixona” (ROBINSON²⁵, 2018)

Essa é, particularmente, uma das definições que eu mais gosto. Além de também a apresentar como processo e como geradora de valor, ela aponta a paixão como força motriz da criatividade. Paixão aqui pode ser entendido como uma causa, algo que você acredite e que esteja disposto a lutar por ele.

f) A arte de combinar elementos

“Criatividade é apenas conectar coisas. Quando você pergunta às pessoas criativas como elas fizeram alguma coisa, elas se sentem um pouco culpadas porque realmente não fizeram isso, apenas viram algo.” (JOBS Apud DUHIGG, 2016, p. 96)

Essa brilhante definição de Steve Jobs se relaciona com dois neologismos que todos os que desejam compreender a criatividade deveriam conhecer: a ‘Conectividade’ e a ‘Combinatividade’. A primeira diz respeito à criatividade aplicada à resolução de problemas e desenvolvimento de soluções que sirva como ferramenta para conectar pessoas, ideias, necessidades e suprimentos. Por exemplo: as mídias sociais são

soluções que conectam pessoas e possibilitam todo tipo de relação desde amizades, relacionamentos amorosos à compradores/vendedores, perguntas/respostas etc. Já a segunda parte do pressuposto, diz respeito ao fato de que ninguém cria nada do zero, mas apenas combina elementos, conceitos e ideias já existentes de uma forma que ninguém havia feito antes. Tomemos como exemplo o próprio Steve Jobs, ele não criou o telefone móvel, o computador, o mp3 player, o pager, o despertador, a internet, a secretária eletrônica, nem o e-mail, mas ele juntou tudo isso (e mais alguns elementos) em um só aparelho e o chamou de Iphone (que certamente dispensa apresentações). Apesar de não ter sido a primeira proposta de telefone inteligente do mercado, sem dúvidas foi a mais notável e disruptiva delas, pois provocou uma verdadeira revolução em vários nichos, desde a telefonia até a indústria fonográfica.

g) Característica inata

“[...] é uma capacidade inata que precisa ser desenvolvida através de #hardwork (estudo e treino), e cuja utilidade é resolver problemas através da combinação de ideias e seguindo as etapas do processo criativo” (GUN²⁶, informação verbal²⁷)

E, por último, no meu *trending topic* de definições de criatividade tem essa do Murilo Gun que mostra a criatividade como algo que nos pertence desde o nascimento, mas que por um motivo que conheceremos melhor no próximo tópico, precisa ser (re)aprendida e desenvolvida através de um trabalho duro e dedicado. Essa definição também ressalta o papel da criatividade na resolução de problemas.

A GÊNESE DA CRIATIVIDADE

“o homem criativo não é o homem comum ao qual se acrescentou algo; o homem criativo é o homem comum do qual nada se tirou.” (Maslow²⁸)

Se há um consenso ou algo quase unânime na literatura sobre criatividade é que ela é uma qualidade inata ao ser humano e que pode ser estimulada, desenvolvida e resgatada. Quando nascemos nos deparamos com um mundo pré existente e somos confrontados com necessidade de aprender sobre ele e a viver nele (CHARLOT, 2000). Nossa jornada é permeada por inúmeros problemas que temos que aprender a resolver. O termo ‘problema’ aqui referido não deve ser entendido de forma negativa, mas como algo natural que faz parte da nossa vida. Problema é toda situação que requer solução e é aí onde entra a criatividade como “habilidade necessária para resolver problemas”. Por exemplo: uma criança quando nasce ainda não sabe se comunicar utilizando uma linguagem sofisticada então diante dos seus problemas: fome, frio, fralda molhada etc. ela chora, porém, a medida em que vai crescendo ela vai observando o mundo e aprendendo qual a melhor forma de resolver essas questões. Ela aprende a pedir, fazer gracinha para conseguir o que necessita ou simplesmente ir atrás do que deseja e tentar conseguir sozinha. Ao entrar para a escola, no jardim da infância, todo esse potencial criativo puro e aflorado se desenvolve cada vez mais, pois a aprendizagem nessa fase da vida, seja qual for a abordagem pedagógica (tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista, sociocultural) ou método (piagetiano, montessoriano, Waldorf etc.), tende a ser uma aprendizagem criativa, permeada pela riqueza de experiências, possibilidades, interações, conexões, artes, abstrações e criação livre. Claro que

existem regras, principalmente regras sociocomportamentais, e existe um currículo a ser seguido, contudo a forma como isso acontece é muito mais lúdica, fluida e palpável.

Porém passadas a séries iniciais o sistema de educação muda drasticamente. E antes que eu continue e corra o risco de ser mal interpretada, afirmo que a escola e todo sistema educacional não são os únicos culpados por essa mudança nociva de paradigma. Existem outras estruturas sociais (familiar, industrial, econômica, política etc.) envolvidas nesse fato. Também não vamos nos adensar nessa questão para não fugir do foco desse capítulo. E assim somos imersos em um sistema educacional mais voltado para a competitividade, pela busca desenfreada por desempenho e resultados, para a formação profissional. E nesse ínterim os sonhos, as abstrações, as cores, as experiências e a liberdade criativa não são mais protagonistas.

O fato é que fomos conduzidos a acreditar nas certezas, nas verdades absolutas e a obedecer cegamente às regras que sequer compreendíamos, quando na verdade o mundo é feito de possibilidades e escolhas. Como bem observa Ken Robinson, um dos principais defensores dessa abordagem, infelizmente: “[...] somos ensinados a abandonar a criatividade” (ROBINSON, 2018, p. 12).

Desculpe-me se estou fazendo parecer que nossos pais, professores e demais mentores eram pessoas ruins, isso não verdade, pelo menos na maior parte dos casos não. Eles apenas replicaram o que aprenderam e fizeram o que julgaram ser o melhor para nós. Sem culpas e sem mágoas, ok? A intenção não é essa, mas apenas mostrar para você o que aconteceu que o levou

a crer que você não é criativo/criativa e, uma vez tomado ciência desse fato, você pode:

- ✓ Quebrar aquilo que eu chamo de ‘ciclo da poda da criatividade²⁹’ com seus usuários, filhos, sobrinhos, alunos e demais crianças que você conheça;

- ✓ Resgatar a criança livre sonhadora, crédula e criativa que há dentro de você;

- ✓ Se libertar de falsas crenças, amarras e bloqueios criativos;

- ✓ Desconstruir, reconstruir e ressignificar muita coisa em sua vida;

- ✓ Sonhar

- ✓ Imaginar

- ✓ Criar

- ✓ Realizar

- ✓ Inovar

- ✓ Empreender

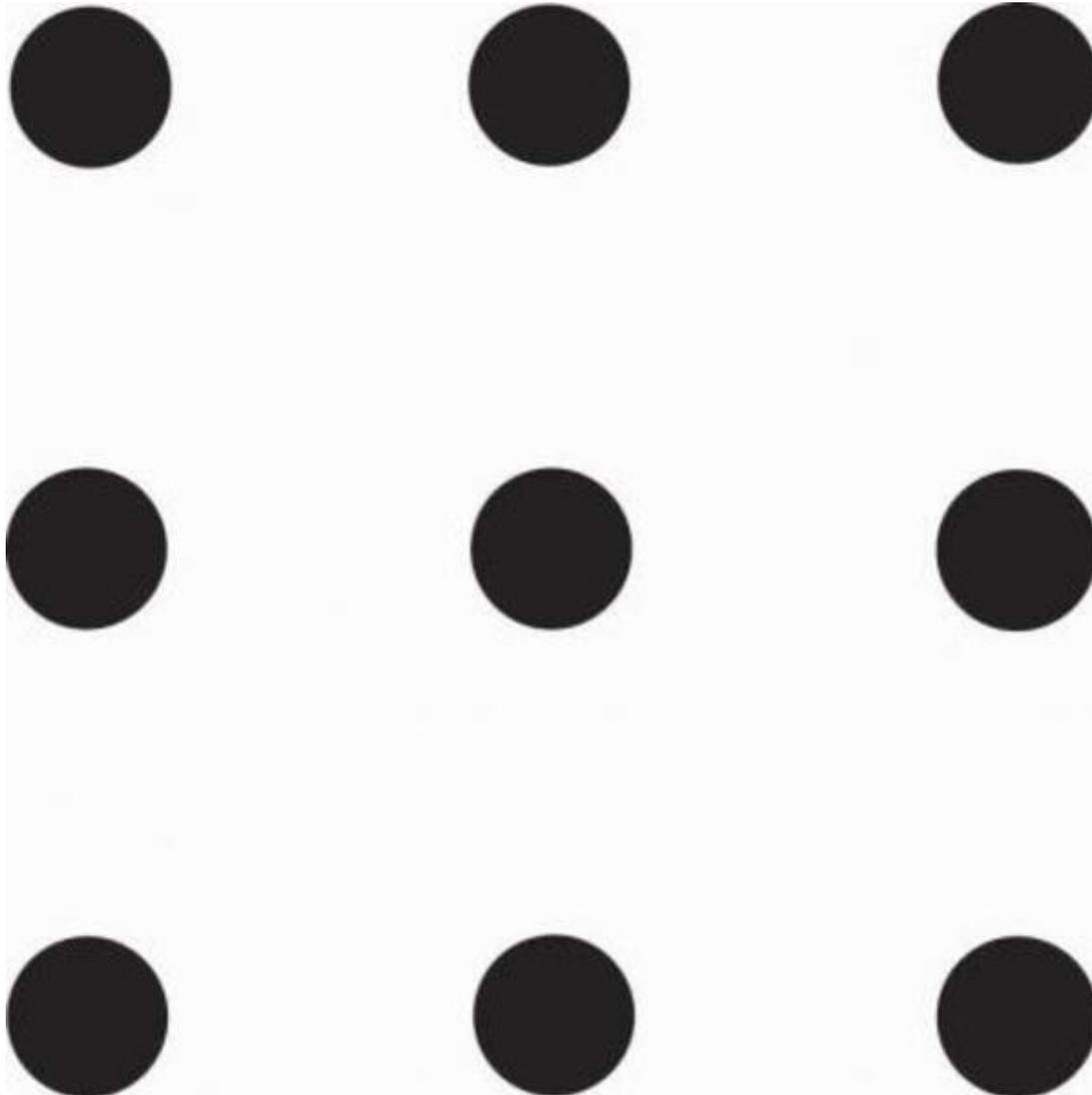
- ✓ Etc... porque a lista de possibilidades é quase infinita...

Você já deve ter ouvido a expressão “pensar fora da caixa” traduzida do inglês, “*think outside the box*” que além de ter se tornado uma grande clichê, também têm sido utilizada de forma imperativa quando alguém quer ‘incentivar’ outrem a pensar de forma diferente, criativa e inovadora: “você precisa pensar fora da caixa!”, “pense fora da caixa!”

Mas você conhece a origem dessa expressão, que caixa é essa e porque você pensa dentro dela? De acordo com Tina Seelig³⁰: “[...] esse clichê é proveniente do desafio dos ‘nove pontos’ (a

caixa), no qual o objetivo é conectar nove pontos, desenhando até quatro linhas retas que passem por cada um dos pontos, sem levantar o lápis do papel” (SEELIG, 2020, p. 19).

Figura 1 – Desafio dos 9 pontos



Fonte: Seelig, 2020

Não vou dar *spoiler* dizendo o que fazer para resolver o desafio, mas o que posso lhe dizer é que a chave para o resolver é ultrapassar os limites, considerar o espaço que está do lado de fora dos pontos como uma opção viável, ou seja “fora da caixa”.

Para Seelig (2020), a grande dificuldade em resolvê-lo está justamente na necessidade de pensar o novo, em ultrapassar limites, quebrar regras, superar paradigmas, ousar, se arriscar (SEELIG, 2020). Note que não é dada nenhuma regra que nos impeça de pensar que a solução possa estar “fora da caixa”, mas essa regra está dentro de nós, embutida em nosso sistema de crenças.

Pegando o gancho do desafio dos nove pontos, é importante compreender que nós não nascemos dentro da caixa, mas fomos colocados dentro dela. Nascemos e vivemos em um mundo permeado por desafios que precisam ser resolvidos em todas as esferas da nossa vida: familiar, profissional, emocional, psicológica etc. e para resolvê-los de forma mais assertiva precisamos da nossa criatividade e da coragem de ousar pensar fora caixa.

Saindo da Caixa

“O adulto criativo é a criança que sobreviveu”
(Ursula K. Le Guin³¹)

A melhor forma de sair da caixa é, depois de reconhecer que você nasceu livre e criativo em um mundo de possibilidades, mas foi colocado dentro dela (autoconhecimento), é resgatar a sua criatividade inata. Existem muitos livros, cursos e palestras que ensinam algumas formas de fazer isso. Porém aqui, eu o quero convidar a (re)aprender com as crianças, sobretudo, com a criança que um dia você foi. Observe algumas características delas:

- a. As crianças assumem risco (Até que os adultos as convençam de sua imprudência!)

- b. As crianças não têm medo de errar (Até que os adultos as convençam que errar é ridículo, perigoso, quem erra é burro e que não é possível aprender com os erros...)
- c. As crianças acreditam que dará certo (Até que alguém insistentemente as convença que não!)
- d. As crianças buscam, e encontram soluções que para elas fazem todo sentido! (Até serem convencidas de que suas ideias são absurdas!)
- e. As crianças não têm medo de ser curiosas (Até serem impedidas de explorar o novo!)
- f. As crianças não têm medo de perguntar por que³² (Até que são levadas a crer o quanto são chatas e inconvenientes por serem questionadoras).

Isso porque as crianças, naturalmente criativas, seguem os três princípios básicos listados abaixo:

Princípio da fé inabalável

Não é necessariamente uma fé religiosa, mas a crença de que existe possibilidade de dar certo, apesar das circunstâncias e da descrença alheia. Elas ‘compram’ suas próprias ideias com convicção e por isso perseveram. As crianças também são experts em lidar com os próprios fracassos, justamente pelo fato de acreditarem que se esforçando mais e talvez mudando de estratégia pode dar certo, por isso elas raramente desistem e são praticamente incansáveis.

Princípio da experimentação

As crianças são ávidas por experimentar coisas novas, conhecer lugares, pessoas e objetos. Para elas não basta simplesmente ver ou ouvir falar sobre algo, elas gostam de pegar, sentir, cheirar, representar, tentar coisas para ver se dar certo e se não der certo elas tentam novamente do mesmo jeito e de outros jeitos. Elas interagem com o mundo através de experiências práticas e sensoriais significativas.

Princípio da coragem e da ousadia

É preciso ter coragem e ser ousado para dar o primeiro passo, tanto no sentido literal do bebê que está aprendendo a andar, como no sentido figurado ao iniciar algo novo. É preciso ter coragem para correr riscos, para encarar o desconhecido, para enfrentar medos, para recomeçar quando as coisas não dão certo e para seguir tentando quando todos acham que é loucura e absurdo.

Se você ler sobre o perfil das pessoas mais criativas, inovadoras e notáveis você perceberá claramente a presença desses três princípios embricados. Só para citar alguns, Elon Musk ousou acreditar que era capaz de construir foguetes de forma quase artesanal, utilizando materiais reaproveitados. Apesar de desacreditado e ridicularizado pelos seus pares, ele é hoje o dono da maior companhia aeroespacial privada, a Space X, construída do zero, praticamente sozinho, com recursos próprios e limitados. Jeff Bezos largou um emprego promissor, de acordo com o senso comum, em Wall Street, e fundou uma empresa de venda de livro online, quando o e-commerce ainda era uma considerado uma grande incerteza, na garagem da casa do seu pai, cuja fachada foi grafitada com tinta spray e a sua mesa de

trabalho era uma porta velha suspensa por dois cavaletes de construção. Masaru Ibuka, fundou a *Tokyo Telecommunications Engineering Corporation*, que mais tarde se transformaria na gigante *Sony Corporation*, em um período de crise social, civil e econômica, quando Tokio se encontrava arrasada pela guerra, no terceiro andar de um prédio em ruínas. Isso só para citar alguns mesmo, seriam necessários vários livros para contar a história de todos esses homens e mulheres. Sem dúvidas são crianças sobreviventes, ousadas, cheias de fé, com coragem para experimentar, tentar, errar e tentar novamente até dar certo, independente da credulidade dos outros e das circunstâncias.

“Mentes criativas são conhecidas por sobreviverem a qualquer tipo de mau treinamento.” (Anna Freud³³)

Insight

Depois de ler sobre a criatividade fica fácil de entender por que as ferramentas de gestão baseadas no desenho do processo, visualização, cooperação, ideação e prototipação como desingn thinking, canvas, scrum, kamban, trello e muitos outros, tem se popularizado tanto ultimamente.

CRIATIVIDADE E BIBLIOTECONOMIA OU CRIATIVIDADE VERSUS BIBLIOTECONOMIA?

“Esta é uma pergunta que nos ocorre à primeira tentativa de relacionar um termo com o outro: criatividade, qualidade ou capacidade daquilo que é criativo, gerador de ideias, inovador, fundamentando-se no livre pensamento e na livre associação de ideias, e biblioteconomia ciência da informação, em todas as suas etapas de produção, armazenamento, recuperação e divulgação, cujo atual exercício encontra-se altamente enquadrado dentro de técnicas tradicionais, códigos e tabelas” (CORSETTI, 1982, p. 209)

Em tempos de transformação digital e necessidade latente de inovação, se você já leu o capítulo sobre cenários sabe bem do que eu estou falando, aprender sobre criatividade para reativá-la dentro de você é imprescindível para o sucesso em qualquer empreitada da sua vida, isso incluso a profissional.

Eu, particularmente, não me lembro de ter ouvido falar, muito menos de ter lido ou estudado sobre criatividade durante a minha graduação em biblioteconomia. Para não ser injusta lembro apenas de uma professora, doutoranda em educação, que utilizava a produção de portfólios de aprendizagem como método criativo de avaliação da disciplina que ministrava. Bem, mas essa foi a minha experiência, eu me formei em 2005. E mais uma vez eu vou ter que me explicar para evitar mal entendidos. Eu não estou criticando meu curso nem meus professores diretamente. Muito pelo contrário, eu tive professoras e professores excelentes, alguns são meus amigos até hoje. A crítica aqui é a todo um sistema de ensino, do fundamental ao superior, que não reconhece a importância nem o poder da criatividade. Ao meus ver criatividade, inovação e acessibilidade deveriam ser disciplinas universais e obrigatórias em todos os cursos de graduação e pós-graduação.

A esse respeito, como bem observou Valentim (2000; 2008), na proposta de Diretrizes Curriculares, elaboradas pelo Ministério da Educação (MEC), para a área de Ciência da Informação, a criatividade figura entre as atitudes e procedimentos essenciais aos profissionais da área:

- Sensibilidade para a necessidade informacional de usuários reais e potenciais;
- Flexibilidade e capacidade de adaptação;
- Curiosidade intelectual e postura investigativa para continuar aprendendo;

Criatividade;

Senso crítico;

Rigor e precisão;

Capacidade de trabalhar em equipes profissionais;

Respeito à ética e aos aspectos legais da profissão;

Espírito associativo

(VALENTIM, 2000, p.15; VALENTIM, 2008, p.6, grifo nosso)

Por esse motivo fiquei curiosa e resolvi, antes de escrever essa sessão, pesquisar sobre a produção, científica ou não, na área de biblioteconomia no Brasil que relacione os termos “biblioteca”, “biblioteconomia” e “criatividade”. Encontrei pouquíssimo material, porém trabalhos com muita qualidade, entre artigos e trabalhos de conclusão de curso. A maioria deles apontado a criatividade como insumo para a inovação; sugerindo, baseado na literatura produzida por outras áreas, passos e caminho para uma atuação bibliotecária mais criativa; relatando que a produção sobre a temática ainda é muito incipiente; e que o perfil do bibliotecário criativo é muito heterogêneo e disperso dos demais colegas. Talvez, essa última constatação se deva ao fato da maioria das pessoas não compreender o que é a criatividade, por que ela é tão importante e nem se reconhecerem como seres com criatividade inata.

Dentre eles o artigo que mais me chamou atenção foi o da Lenira Corsetti, Bibliotecária da Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), intitulado: “Criatividade & Biblioteconomia”. É dela a citação que abre essa seção e foi dela que eu ‘roubei’ o título da sessão também. Esse artigo é fantástico em tantos aspectos que me fez vibrar ao ler. Primeiro porque ele foi publicado há quase 40 anos, em 1982. Segundo porque ele é, de acordo com a minha pesquisa e a de Souza e Silva (2008), o primeiro artigo publicado sobre a temática

‘Criatividade e Biblioteconomia’ no Brasil, e por muitos anos foi o único. Terceiro porque apesar da sua quase ‘meia idade’, a temática tratada e os resultados obtidos continuam extremamente atuais, não diferem em quase nada dos resultados encontrados em estudos posteriores, nem destoam da realidade da prática bibliotecária atual. Isso tem um lado bom, pois realmente foi escrito de maneira brilhante e visionária, mas em contraposição tem também um lado ruim, pois a maioria dos problemas e faltas diagnosticados e descritos nele continuam presentes na biblioteconomia enquanto campo e na realidade das bibliotecas.

É lógico que existem muitos bibliotecários e bibliotecárias criativos (Insha'Allah continue assim!), não sei se (re)aprendizes ou sobreviventes, e que a atuação destes têm se feito cada vez mais notória. Eu, modéstia parte me considero uma pessoa criativa, assim como meus companheiros de trabalho e os demais autores e organizadores desse livro. Posso dizer que tenho uma network criativa. Também observo o trabalho de muitos colegas nas mídias sociais, contudo ainda acho que eles são uma pequena exceção. Tanto ouço, como leio em muitos trabalhos, que a descrença e a resistência ao posicionamento profissional criativo e inovador ainda é uma realidade fortemente presente em algumas instituições. A esse respeito é importante atentar para o fato de que: "organizações passam por transformação digital, pessoas passam por transformação criativa³⁴" (HOLANDA, informação verbal³⁵). É fato que todos os gestores de bibliotecas e centros de informação, quer sejam ou não bibliotecários, almejam uma melhoria contínua em seus processos, produtos e serviços, e que todos, principalmente impulsionados pelos impactos da pandemia da Covid-19, já perceberam a importância da tecnologia para o alcance desse objetivo. Porém a tecnologia,

assim como as muitas ferramentas de gestão (*design thinking*, *canvas*, *scrum*, *kamban*, *sprint* etc.), oferecem meios e possibilidades, mas a habilidade em utilizá-los da maneira mais eficiente e eficaz no auxílio à resolução de problemas do cotidiano das bibliotecas será sempre da equipe de bibliotecários/bibliotecárias. Além do mais nem sempre é necessário tecnologia ou muitos recursos e insumos para desenvolver soluções assertivas e significativas para a comunidade de usuários. Para isso uma criatividade bem desenvolvida, aliada a uma mentalidade inovadora é imprescindível.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Aline Cecília. Transformação Criativa: a chave da geração de valor e renda! **Malabs**, 2020. Disponível em: <<https://www.mlabs.com.br/blog/transformacao-criativa>. Acesso em: 12 dez. 2020.

NAVEGA, Sergio. De onde vem a Criatividade. **Intelliwise**, 2009. Disponível em: <<http://www.intelliwise.com/seminars/criativi.htm>> Acesso em: 17 nov. 2020.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

BÍBLIA. Gênesis. Português. In: **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969. p. 17-77.

CRIAR. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/criar/>. Acesso

em: 10/09/2020.

CRIAR. In: Michaelis, Dicionário Online de Português. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/criar>. Acesso em: 10/09/2020.

ROBINSON, Ken; ARONICA, Lou. **Escolas Criativas: A Revolução que está Transformando a Educação**. Porto Alegre: Penso, 2018.

SEELIG, Tina. **Regras da Criatividade: tire as ideias da cabeça e leve-as para o mundo**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2020.

CORSETTI, Lenira. Criatividade & Biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, n. 2, v. 11, 1982.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). **O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. 156p. (Coleção Palavra-Chave, 11)

VALENTIM, M. L. P. **Criatividade e inovação na atuação profissional**. CRB8 Digital, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/8827>. Acesso em: 10 set. 2021.

TORRANCE, E. P.; TORRANCE, J. P. **Pode-se ensinar criatividade**. São Paulo: EPV, 1974.

DUHIGG, Charles. **Mais rápido e melhor: os segredos da produtividade na vida e nos negócios**. Brasil: Objetiva, 2016.

SOUZA, C. R. S.; SIVA, J. F. M. A Biblioteconomia e a criatividade. **Repositório - FEBAB**. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4182>. Acesso em: 12 set. 2020.